



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## Linha ascendente e firme nas lutas reivindicativas

Estamos presentemente em face de um amplo movimento reivindicativo dos trabalhadores. Dezenas de milhar de operários-conserveiros, ferroviários, motoristas, operários da construção civil, dos telefones, dos tabacos, construções navais, pescadores, corticeiros, empregados de mesa, têxteis, lutam de formas diversas por aumento de salários, por contratos colectivos, por melhores condições de vida.

As lutas em curso revelam uma combatividade provada, um novo espírito de iniciativa e uma capacidade de organização que se exprimem no carácter nacional das acções reivindicativas e nas formas de luta que empregam os trabalhadores.

Utilizando os sindicatos, concentrando-se nestes, pressionando as suas direcções, os trabalhadores persistem na luta, que é acompanhada nalguns sectores de concentrações nas empresas e nas sedes destas e em todos eles, da elaboração das suas reivindicações, para que constituam a base das acções que posteriormente desenvolvem.

Entretanto a luta apresenta dificuldades que lhes são criadas pelas manobras do patronato e do governo fascista, que pretendem anular a acção reivindicativa com ameaças do emprego da força ou com vagas promessas de solução dos problemas apresentados pelos trabalhadores, a fim de desgastar as energias destes, de decepcionar os operários, de levá-los a desistir da luta.

Os dirigentes fascistas dos sindicatos nacionais desempenham um papel importante na realização destes planos do patronato.

Fingindo interessar-se pelos problemas, prometendo hoje uma solução, para a qual levantam posteriormente dificuldades, prolongam por meses e até por anos, um estado de expectativa, que adormece a luta, que a sapa ou a reduz na sua projecção.

As acções sindicais servem a luta geral dos trabalhadores, mas não podem ser a sua forma exclusiva. A experiência das lutas

da classe operária em Portugal e noutros países capitalistas demonstra que o emprego de outras formas de luta, longe de retardar a solução dos problemas reivindicativos apresentados, contribui para a vitória dos trabalhadores. As concentrações numerosas dos operários corticeiros, metalúrgicos, têxteis e outros, junto da gerência, determinaram vitórias (continua na 2.ª pág.)

## OS PORTUÁRIOS DE LISBOA RECUSAM-SE A FAZER HORAS EXTRAORDINÁRIAS

Num movimento de unidade, que é ao mesmo tempo um testemunho de uma crescente revolta contra a exploração e de uma justa noção dos seus direitos, os portuários de Lisboa recusam-se a fazer horas extraordinárias, como meio de pressionar o patronato e o governo a satisfazer os seus problemas mais urgentes.

Desde o ano passado que os trabalhadores do porto de Lisboa desenvolvem uma intensa luta pela satisfação das suas reivindicações essenciais, entre as quais figura, em primeiro plano, a de aumento de salários e a elaboração de um novo contrato colectivo.

Concentrações massivas e diligências numerosas têm tido lugar junto dos sindicatos e autoridades respectivas. Ao fim de uma luta prolongada os salários foram aumentados. Mas o grémio dos armadores não atendeu o pedido formulado pelos portuários de um aumento geral de 15 escudos e de estabelecimento do salário mínimo de 110\$00 e 115\$00 e quis suprir com as horas extraordiná-

rias o aumento requerido.

Recusando-se a fazer horas extraordinárias e requerendo ao mesmo tempo o aumento de salários e a garantia de trabalho efectivo para todo o pessoal, os portuários de Lisboa revelam uma elevada consciência dos seus direitos e um sério espírito colectivo na luta contra a exploração patronal.

A luta dos trabalhadores do porto de Lisboa deve registar uma vitória. Assim o exigem os seus interesses.

Trabalhadores do porto de Lisboa. Reforçai e alargai as vossas concentrações. Continuai a recusar-vos a fazer horas extraordinárias. Reforçai e alargai a vossa unidade e a vossa organização. Persisti na luta e venceis.

## LUTA VITORIOSA

### dos operários da Carris de Lisboa

A combatividade dos operários e empregados da Carris de Lisboa forçou os capitalistas ingleses e os seus comparsas de Portugal a assinarem o novo contrato colectivo, no qual se estipula o aumento de salários de 8 a 15 por cento, que é por si insuficiente, e se dá satisfação a outras reivindicações do pessoal da Carris.

As grandes concentrações, al-

gumas das quais mobilizaram 2.000 operários, deram aos exploradores ingleses e portugueses coligados a ideia precisa de que os trabalhadores da Carris se dispunham a fazer vingar as suas reivindicações ao preço da luta.

Se o aumento não veio imediatamente — como não veio quando da greve dos operários de Pero Pinheiro — as acções empreendidas mostraram um tal vigor que os administradores dos transportes urbanos resolveram alterar os seus propósitos de recusa de aumento de salários, atendendo parcialmente as reivindicações dos trabalhadores, evitando assim novas e mais importantes lutas.

Ao aumento de salários juntam-se ainda outras conquistas que os trabalhadores da Carris conseguiram pela sua persistente luta como a do aumento dos dias de férias.

Os resultados positivos da luta dos trabalhadores da Carris de Lisboa irão sem dúvida levar novo impulso à luta dos operários dos transportes colectivos do Porto, por aumento de salários, por novo contrato colectivo, pela alteração de medidas tomadas pelos serviços médico-sociais, que os privaram de assistência clínica nos locais onde residiam.

O contrato colectivo de trabalho dos operários da Carris do (continua na 3.ª pág.)

## ONDE PREDOMINAM OS MONOPÓLIOS NÃO CONTAM OS INTERESSES DO POVO

O que acaba de ocorrer com o aumento da electricidade no Porto é mais uma demonstração da protecção descarada do governo de Salazar aos monopólios. Ao aumento da electricidade opunham-se praticamente os 300 mil habitantes da cidade, a imprensa local, etc.. Mas nem mesmo assim se impediu a publicação do decreto governamental que estabelece, para já, a taxa de 25 por cento de aumento. A forma como o governo arrumou agora a questão, apesar da garantia que havia dado antes, de que a electricidade não seria aumentada, mostra como ele está completamente ao serviço dos monopólios e do imperialismo.

Relatando os esforços feitos junto do governo para impedir a subida da electricidade, diz o vereador da Câmara do Porto, que é o presidente do conselho de administração dos Serviços Municipais de Gaz e Electricidade: «O êxito de tais esforços sempre esbarrou com o argumento de que aceder à petição camarária impediria o governo de cumprir os compromissos internacionais que neste campo assumira». Confessa-se assim que os emprésti-

mos feitos ou avalizados pelo governo comportam cláusulas que atentam contra a independência económica da Nação e contra os interesses dos portugueses.

A ofensiva dos monopólios, que levou ao aumento das tarifas, não é ditada pela pequenez das suas receitas. Os lucros confessados no último ano das 4 empresas, das mais directamente interessadas na produção e distribuição da electricidade no Norte ou seja a UEP, CNE, H.E. do Douro e H.E. do Cávado, somam 221.517 contos.

O escândalo da subida da electricidade do Porto não é único. Ele faz parte duma ofensiva dos monopólios para a subida das tarifas a que o governo dá todo o seu apoio. Como se sabe ainda recentemente o laborioso conselho de Matosinhos esteve ameaçado de ficar sem energia, porque as autoridades camarárias, pressionadas pelo descontentamento geral dos habitantes, discordaram do aumento das tarifas, que acabou por ser imposto. Nas mesmas circunstâncias estão presentemente a (continua na 2.ª pág.)

## XIII CONGRESSO

### DO PARTIDO COMUNISTA CECOSLOVACO

Terminou os seus trabalhos no dia 4 de Junho, o XIII Congresso do Partido Comunista Checoslovaco, que teve lugar em Praga, com a participação de 1.500 delegados, representando 1 milhão e 600 mil membros. Estiveram presentes no Congresso, representantes de mais de 60 partidos comunistas e operários, incluindo uma delegação do P.C.P., dirigida pelo camarada Sérgio Vilarigues, secretário do Comité Central.

O relatório do C.C. foi apresentado pelo camarada Antonín Novotný, secretário geral do P. Comunista Checoslovaco. Neste documento de grande importância faz-se uma avaliação metódica e realista dos progressos registados na economia da República Socialista da Checoslováquia e determinam-se as linhas essenciais das novas tarefas que assegurarão um progressivo desenvolvimento ao bem estar material e cultural do povo checoslovaco.

O Congresso reafirmou a posição coerente e firme do P.C. Checoslovaco de reforço da ajuda ao heróico povo do Vietnam e de condenação da criminoso guerra de agressão do imperialismo americano.

Ao glorioso Partido Comunista Checoslovaco, condutor clarividente da classe operária e do povo trabalhador da Checoslováquia, o jornal «AVANTE!» saúda com amizade, expressando-lhe a sua profunda satisfação pelos êxitos do XIII Congresso.



# A CAUSA DO COLONIALISMO não é a causa dos nossos soldados

Sabotai a guerra colonial  
Organizai deserções colectivas

Em discursos e entrevistas recentes, Salazar mostra uma vez mais a sua desfaçatez de colonialista inveterado.

No seu discurso de 13 de Abril do corrente ano, Salazar afirmava, após uma violenta crítica aos jovens estados africanos independentes e em contraposição a estes: «A verdade é que o amaldiçoado colonialismo — sem que eu pretenda defender erros ou excessos cometidos — levou a paz à África, permitiu o convívio das populações, promoveu o crescimento demográfico, dotou o continente de mais largos meios de comunicação, descobriu e explorou riquezas e pôs os seus 270 milhões de homens em contacto com a civilização cujos segredos lhes desvendou e colocou ao seu dispor».

É o colonialismo que Salazar defende em África. É a permanência das nações opressoras sobre povos e nações oprimidas.

É a este pensamento dominante que o ditador fascista permanece fiel, com todas as nefastas consequências que daí resultam.

Não somos uma Nação pluricontinental e multiracial como afirmam os defensores do Estado Novo, mas um país opressor cujas classes dominantes saqueiam e oprimem os povos africanos sob o jugo colonial.

O que significa morrer pela Guiné? Significa dar a vida para que nesta colónia haja 88 por cento de analfabetos e se registre a mais alta taxa de mortalidade infantil. Significa dar a vida para que no domínio da saúde haja 1 médico para 71 mil habitantes.

Morrer pela Guiné significa dar a vida para que a CUF aumente os seus capitais para 1 milhão e 200 mil contos, para que a companhia americana de petróleos,

Esso Exploration Guiné Incorporated explore em seu proveito o petróleo da Guiné.

«O homem que fica, vivo ou morto, ocupa de facto o território; o que abala, deserta e abandona-o». — Assim se exprimia Salazar no seu discurso de 13 de Abril, para convencer a nossa juventude a bater-se pela causa do colonialismo, em nome de interesses que não são os seus.

Mas a causa do colonialismo, não é a causa dos nossos soldados. É causa da Companhia de Petróleos de Angola, de cujo conselho de administração é presidente, Santos Costa.

A causa do colonialismo não é a causa da nossa juventude. É a causa da Companhia de Açúcar de Angola e da Companhia de Algodões de Angola, em cujo con-

selho de administração figura o ex-reitor polícia, Paulo Cunha. É a causa do Banco Nacional Ultramarino, de que é governador o ex-ministro das colónias, Vieira Machado. É a causa dos Supico Pinto, Lara, Champollimaud, Castro Fernandes, dos senhores dos monopólios enriquecidos pelo fascismo e das senhoras do Movimento Nacional Feminino.

A causa dos nossos soldados é a causa da paz, da independência nacional, da democracia, que porá fim aos monopólios que oprimem a nossa Pátria.

A causa dos nossos soldados é a causa da independência dos povos coloniais, nossos irmãos de sofrimento, nossos companheiros de combate contra a ditadura fascista, contra o colonialismo, contra as guerras de opressão.

## TARRAFAL

### CAMPO DA MORTE LENTA

O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DO TARRAFAL, no arquipélago de CABO VERDE, que durante período de duas décadas de anos serviu os criminosos intentos repressivos do fascismo contra os patriotas portugueses tornou-se o inferno prisional, onde são cunicamente liquidados os patriotas de ANGOLA e da GUINÉ, que lutam pela libertação dos seus países.

Os frios processos da morte lenta que roubaram a vida a BENTO GONÇALVES, secretário geral do P.C.P., ALFREDO CALDEIRA, membro do C.C. e a dezenas de anti-fascistas continuam a ser aplicados contra os combatentes da independência de Angola e da Guiné. Maus tratos, péssimas condições de alojamento, comida intragável, falta de assistência médica, clima inhóspito e insalubre, formam o ambiente em que esgotam a saúde e perdem a vida os patriotas guineenses e angolanos, entre os quais figuram os escritores LUANDINO VIEIRA, galardoado com o 1.º prémio da novelística pela Sociedade Portuguesa de Escritores, ANTÓNIO JOAQUIM e ANTÓNIO CARDOSO, que cumprem penas de 14 anos de prisão e medidas de segurança».

Ombro com ombro com os nossos irmãos de Angola, Guiné e Moçambique denunciemos os novos crimes do fascismo selarista e lutemos contra eles com a mesma firmeza com que durante anos exigimos e conseguimos o encerramento do CAMPO DA MORTE LENTA DO TARRAFAL.

### NEM UM TOSTÃO

para as guerras coloniais

Mais uma vez o chamado Movimento Nacional Feminino lançou a sua demagógica campanha de «uma hora voluntária de trabalho» que dizem destinado aos soldados que combatem nas colónias. Mais uma vez também, a exemplo dos anos anteriores, os trabalhadores irão opor a mais radical negativa a este roubo nos seus magros salários.

Tendo fracassado estrondosamente todas as campanhas de dádavas voluntárias para a guerra, o governo e patronato fascistas, sob as mais variadas formas de ameaça e pressão, têm imposto descontos nos salários e vencimentos a que depois dão o nome de voluntários. Para lutar com êxito contra esta reculheira é da maior urgência desencadear uma campanha de agitação contra ela. É da maior urgência que nos refeitórios, balneários, em cada fábrica ou oficina se escreva: NEM UM TOSTÃO PARA AS GUERRAS COLONIAIS!

## MONOPÓLIOS

(continuação da 1.ª pág.)

cidade da Covilhã e o seu progressivo concolho, o que levou já o presidente do Grémio dos Industriais de Lanifícios a declarar: «somos vítimas da divisão do país em zonas de influência ou, ainda melhor, em regime de exclusividade de fornecimentos (...) Estamos sujeitos a um corte puro e simples da energia se não quisermos aceitar as condições previamente impostas, como não há muito tempo aconteceu noutra região da nossa Beira», e acrescentava: «eu pergunto se é possível manter este estado de coisas».

A pergunta feita por este senhor merece de facto resposta, mas esta, como é evidente, só pode ser dada pelo povo português no dia em que de facto se unir, escorraçar e pedir contas aos responsáveis por toda esta situação.

Portuenses! Povo do concolho da Covilhã! Recusai-vos em massa a aceitar mais esta «dádava» fascista que assinala bem os 40 anos do seu reinado de miséria e de exploração.

## 40 anos de fascismo

### 40 anos de degradação do ensino

Logo que conquistou o poder, o fascismo empreendeu uma cruzada obscurantista contra o ensino: reduziu a escola obrigatória gratuita de 4 para 3 anos; acabou com a 5.ª classe facultativa e as escolas primárias superiores, com o objectivo declarado de pôr termo «às entorpecedoras utopias e às aspirações ilegítimas»; liquidou o ensino infantil oficial, extinguiu as escolas móveis que funcionavam nos meios rurais, encerrou todas as escolas do Magistério Primário e várias Faculdades e Institutos.

Portugal ocupa hoje o último lugar da Europa quanto ao nível de ensino e de cultura da população, que em 1960 ainda possuía 40 por cento de analfabetos, mesmo depois da decantada «campanha de Educação de Adultos». É extrema a insuficiência das dotações orçamentais para o ensino e inadequada a sua repartição: faltam professores qualificados em todos os graus de ensino, porque são mal pagos e têm poucas regalias (mas os melhores são demitidos e perseguidos pelas suas convicções democráticas); escasseiam os edifícios, as instalações e o material didáctico adequado em todos os ramos, sendo a situação nalguns aflitiva e escandalosa. A duração da escola obrigatória gratuita é a mais curta da Europa e não assegura um mínimo aceitável de instrução geral. É acentuada a selecção de classe dos alunos depois da escola primária, devido às elevadas propinas e o reduzi-

do número de bolsas e outras ajudas. À selecção económica vem adicionar-se uma apertada selecção anti-pedagógica, com a duplicação dos exames para as admissões, etc. O sistema geral de ensino está todo ele mal estruturado pedagogicamente: programas desactualizados, tendenciosos, obscurantistas e desligados das realidades e necessidades práticas nacionais, métodos e processos pedagógicos retrógrados, ausência de cursos de especialização necessários ao fomento nacional. É incipiente a estruturação e assistência à investigação científica. Reprimem-se as actividades educativas e culturais circum-escolares livres.

Dificultar o esclarecimento político das massas trabalhadoras, assegurar mão-de-obra a baixo preço, reservando para as classes dominantes o monopólio da instrução e da cultura e fazendo destas um instrumento da sua política, demagogia e corrupção ideológica — tal tem sido a «política do espírito» do fascismo, nos 40 anos do seu reinado.

Torna-se cada vez mais urgente refundir totalmente a instrução, sacudir o jugo do regime obscurantista.

No momento em que os dirigentes salazaristas celebram os 40 anos da sua permanência no poder, intensifiquemos a acção revolucionária, que criará as condições para a nova vida democrática, para o florescimento da cultura e do ensino.

## LINHA ASCENDENTE

(continuação da 1.ª pág.)

sobre os seus exploradores. Utilizando a «cera» os trabalhadores da MABOR viram os salários aumentados. Recorrendo à greve, à luta frontal e corajosa com as forças repressivas os marmoristas de Pero Pinheiro conseguiram um aumento de 8500.

Na indústria das conservas, actualmente, intensifica-se a produção, exige-se um maior rendimento de trabalho às operárias e operários.

Não é a ocasião propícia para intensificar e coordenar melhor a luta dos conserveiros e conserveiras? Reclamando de novo no sindicato, concentrando-se na gerência, reforçando as ligações entre as empresas da mesma localidade ou da mesma região, enlaçando contactos sólidos com outros centros industriais, os operários das conservas, ferroviários, motoristas, tabaqueiros, da construção civil, telefones e outros sectores elevarão a luta a um novo plano, reforçarão as diligências já feitas, pressionarão o patronato e o fascismo, conquistarão novas vitórias.

A organização desempenha um papel fundamental nas lutas em curso. Não basta apresentar uma reivindicação para que ela seja milagrosamente atendida. É necessário lutar por ela de forma organizada, criando comissões de unidade, comissões sindicais, comités de greve, promovendo reuniões de trabalhadores, para que a reivindicação formulada seja satisfeita, para que a luta suba de nível, passe da fase inicial a outras formas de acção, passe da formulação reivindicativa junto do sindicato ou da empresa, às concentrações, às pequenas paralisações, à greve, à escola da fábrica, da região ou do país.

Para que as reivindicações triunfem, para que a classe operária consiga vitórias, é necessário imprimir às lutas em curso um novo e decisivo impulso, dinamizando e organizando melhor a acção, elevando a combatividade das massas trabalhadoras, encontrando o elo da cadeia que imprime às lutas reivindicativas uma linha ascendente, firme e apropriada às circunstâncias. Organizemos novas lutas! Preparemos novas vitórias!



## O PROGRAMA DO PARTIDO

### programa para a destruição do fascismo

Por que é o Programa do Partido o programa para a destruição do fascismo? Porque o Programa estabelece as formas de luta, de organização e de acção para o derrubamento da ditadura e para a liquidação do aparelho de estado fascista.

«O Partido Comunista Português — diz o Programa — tem como tarefa ganhar as massas para a causa da revolução e concentrar os seus esforços no trabalho de unir, organizar e conduzir à luta as forças democráticas e patrióticas.»

O povo em luta é a alavanca motora do processo revolucionário que levará à liquidação da ditadura e à instauração da Democracia. O Programa precisa que só a luta de massas, só o desenvolvimento da luta popular organizada, só a mobilização de amplos sectores sociais, incluindo as forças armadas, poderão conduzir ao levantamento nacional, à insurreição armada.

Quando deverá ter lugar a insurreição armada? Como encara o Programa do Partido este problema?

«A insurreição popular — afirma o Programa — só poderá ter lugar numa situação revolucionária, em que o movimento democrático, pela sua organização e pela disposição e decisão das massas que nele participam, estiver em condições de se lançar ao assalto armado do poder e em que as forças fascistas, roídas por contradições não estiverem mais em condições de resistir ao ascenso do movimento democrático.»

Temos de considerar, antes de mais, que não se pode construir a Democracia deixando de pé o aparelho do estado fascista ou operando alguns remendos na organização corporativa.

Por isso o Programa do Partido Comunista estabelece como tarefa imediata da revolução democrática e nacional a destruição do estado fascista ou seja: a dissolução de todos os órgãos e instrumentos da ditadura: Assembleia Nacional, Câmara Corporativa, PIDE, Legião Portuguesa, G. N.R. e demais forças repressivas, tribunais de excepção, organização Corporativa, União Nacional Mocidade Portuguesa, etc.. Limpeza do aparelho de estado de elementos fascistas e contra-revolucionários.

É sobre a destruição do Estado fascista que se construirá a Democracia, através da criação duma organização democrática do Estado, com uma Câmara legislativa única, com a designação do

## CARRIS

(continuação da 1.ª pág.)

Porto já estava desactualizado. Essa desactualização torna-se agora muito maior. Os salários são insuficientes e muito mais baixos do que os salários do pessoal da Carris de Lisboa.

Organizar a luta, desenvolver a acção reivindicativa, eis o caminho que se abre aos trabalhadores dos transportes colectivos do Porto.

governo pela Câmara e sua responsabilidade perante este; da instauração e garantia das liberdades fundamentais; do estabelecimento da igualdade de direitos para todos os cidadãos; da organização das forças armadas e forças populares de segurança para a defesa da revolução e da independência nacional; de eleições livres para todos os órgãos da administração local e sua reorganização em moldes democráticos.

O derrubamento da ditadura e a construção da Democracia é tarefa das forças democráticas e das massas populares, chamadas à construção de uma nova vida.

Ganhemos na acção diária, no trabalho de esclarecimento, na divulgação dos objectivos do Programa do Partido o apoio decisivo da classe operária e do povo português.

## ORGANIZAÇÃO ARMÁ DE ACÇÃO

Sem organização não há vitória possível, trate-se de lutas pequenas ou grandes: de abaixo-assinados, de manifestações de rua, de greves ou do levantamento nacional. É por isso que o Partido Comunista insiste em que a tarefa de organizar é uma tarefa central e decisiva.

Por todas as dificuldades que apresenta — escreveu o camarada Alvaro Cunhal — o trabalho de organização não é do agrado daqueles que pretendem resolver os complexos problemas de uma revolução vitoriosa sem grande trabalho preparatório. Quando ouvem dizer que é necessário organizar as forças políticas anti-fascistas, e organizar os operários, e organizar os camponeses, e organizar os pescadores, e organizar os estudantes, e organizar os intelectuais, e organizar os militares, e organizar os jovens, e organizar as mulheres e organizar as lutas, sejam pequenas ou grandes, acham facilmente que se trata de um trabalho demasiado moroso e difícil e dizem que assim nunca mais se lá chega. A verdade é inversa. A verdade é que chegaremos se soubermos organizar e nunca chegaremos se o não soubermos.

Sim, a verdade é que venceremos se soubermos organizar os operários por aumento de salários, contra a exploração capitalista, pela amnistia, contra as «medidas de segurança», pela Paz, contra a guerra colonial, pela democracia, contra

## UM EXEMPLO DE CONSCIÊNCIA PROLETÁRIA

É viva a confiança da classe operária no seu Partido, no P.C.P.. É grande a simpatia e o carinho que cerca o seu órgão central, AVANTE!

Um operário de uma importante empresa encontrou na rua um AVANTE! de Fevereiro, resultante de uma distribuição indirecta. Agarrou nele e levou-o para a fábrica. Ai conseguiu sorrateiramente fixá-lo num dos quadros, onde a gerência costuma divulgar as suas ordens. Este facto deu uma enorme satisfação aos trabalhadores. Alguns davam saltos de alegria. Ouviam-se exclamações de regozijo: «Eh! Malta mas isto ainda existe! Mas que brinde!»

Durante horas o «AVANTE!» esteve exposto no quadro, sem que ninguém se atrevesse a tirá-lo. Os trabalhadores contemplavam-no com os olhos emocionados. «Que festa!» — diziam eles.

Obrigado, amigos! — dizemos nós. O vosso gesto traduz a vossa consciência de proletários.

## O 1.º de Maio deste ano dia de confraternização operária

Foi um domingo de confraternização, de alegria viva, estampada nos rostos, o dia primeiro de Maio deste ano. A luta não cessou. Luta por melhores salários, luta pelos direitos dos trabalhadores, luta pelo Pão, luta contra a exploração capitalista.

Se ela não tomou o aspecto frontal do combate contra o inimigo, viveu nas palavras dos trabalhadores e das trabalhadoras, que no campo, à sombra dos pinheiros ou das oliveiras reafirmaram a sua vontade de fazerem avançar a acção de não pararem na luta, de se manterem fiéis ao esforço de milhões de proletários, que no mundo inteiro constroem o socialismo ou se batem por ele, sacrificando vidas. Os irmãos de outros países, os que tombaram ou os que vivem e lutam, estiveram presentes nas palavras, nas canções, que encheram os

encontros de confraternização dos trabalhadores portugueses, neste 1.º de Maio de 1966.

Não são ainda completas as notícias que nos chegam sobre a grande jornada da classe operária e sobre o modo como este ano ela foi celebrada em Portugal.

A Margem Sul dos corticeiros, dos metalúrgicos, dos conserveiros, dos tanoeiros e das construções navais não se esqueceu de assinalar este dia. Milhares de operários de Almada, Barreiro, Montijo, Seixal, Amora, Setúbal, Alhos Vedros, acompanhados de suas famílias reuniram-se nas redondezas destas localidades, no meio dos pinhais e dos eucaliptais, para festejar o 1.º de Maio. Ao romper do dia foguetes e morteiros assinalaram a grande data.

No muro da fábrica Aldemiro e Mira apareceram inscrições: Abaixo a miséria! Morra Salazar! Abaixo a PIDE.

No portão e nas paredes do Arsenal do Alfeite, mãos corajosas escreveram também: Abaixo o fascismo! Abaixo a guerra colonial! Abaixo a guerra do Vietnam!

Na Baixa da Banheira, junto à linha do caminho de ferro, apareceu uma inscrição em grandes letras, símbolo de uma luta comum: Abaixo Salazar!

E tal como a luta dos trabalhadores, ela reapareceu nos dias seguintes sob um sol magnífico, quando os agentes do fascismo a julgavam ter apagado.

Lisboa proletária comemorou igualmente o 1.º de Maio. Os operários das construções navais, os tipógrafos, metalúrgicos, os operários da construção civil e de outros sectores organizaram igualmente festas de confraternização, recolheram fundos para os seus companheiros presos, discutiram os problemas mais prementes da sua luta e reforçaram os laços de camaradagem e de cooperação na defesa dos seus interesses.

No Porto houve igualmente actos de confraternização dos trabalhadores, em celebração do 1.º de Maio. Noutras zonas do Norte das Beiras assinalou-se também esta data.

Em Grândola a banda de música percorreu as ruas. É um hábito que vem de longe e que as autoridades fascistas se não sentiram ainda encorajadas a proibir. Durante o dia os operários, o povo de Grândola comemorou o dia 1.º de Maio, com grandes festas de confraternização no campo.

o fascismo. A verdade é que venceremos se soubermos organizar nas mais pequenas fábricas, herdades ou lugarejos, todos os homens honrados, todos os anti-fascistas, sejam republicanos ou monárquicos, católicos ou ateus.

Lembre-mos de que as grandes lutas são a consequência lógica e inevitável de muitas pequenas lutas. As grandes organizações e movimentos de unidade são possíveis graças aos pequenos movimentos e pequenas organizações.

A organização é uma arma da acção revolucionária, da luta pela defesa dos interesses da classe operária e do povo, da luta pela instauração da Democracia.

## FUNDOS PARA O PARTIDO

Quando se lê um jornal do Partido, quando se estuda um folheto por ele editado deve pensar-se nos sacrifícios que tais publicações exigem. Sacrifícios ignorados dos seus colaboradores, dos tipógrafos, dos camaradas que correndo riscos levam a voz do Partido a todas as regiões do país.

É quantos sacrifícios financeiros representam essas mesmas publicações. Elas requerem um pesado aparelho de activistas que luta com abnegação sob a ameaça da perda da liberdade e da vida.

Não basta pagar a imprensa. É necessário pensar também nos gastos financeiros que a sua edição e distribuição implicam. É necessário pensar nas formas de obtenção de fundos, para ajudar a imprensa do Partido, para alargar a influência e a organização do Partido, o seu trabalho político.

Camaradas e amigos! Promovei acções de recolha de fundos. Organizai na empresa, no bairro, nos campos, nos locais de trabalho e de estudo colheitas de fundos para o Partido. Tende iniciativa. Aborjai democratas e simpatizantes do Partido.

Que em cada dia, em cada semana, em cada mês cheguem mais fundos ao Partido.

## Um comportamento exemplar VEIGA DE OLIVEIRA NÃO FEZ DECLARAÇÕES À PIDE

Mais um exemplo de firmeza e de dedicação: o engenheiro VEIGA DE OLIVEIRA, detido há algum tempo pela polícia salazarista, provocou na prática, mais uma vez, que os democratas resistem às violências e às torturas da PIDE, por mais dolorosas que sejam, sem transigências de qualquer espécie, dignos e corajosos como devem ser os combatentes de vanguarda.

Suplicado durante 17 dias, submetido à tortura do sono, sujeito aos cozes insultos do bando de assassinos da PIDE, o engenheiro VEIGA DE OLIVEIRA recusou-se a fazer declarações. Nos últimos cinco dias os espancamentos redobram de violência. VEIGA DE OLIVEIRA perdeu os sentidos, mas não perdeu a noção da dignidade e do dever. A sua posição de firmeza foi a mesma. Com os carrascos do povo, com o bando de assassinos da PIDE não se plectua nem se transige. Ante eles só uma atitude se dava tomar: a da recusa de fazer declarações, de lhes entregar companheiros de luta.

O engenheiro VEIGA DE OLIVEIRA é um combatente da Democracia, que permanece fiel aos seus ideais, à sua juventude, ao seu passado de lutador. O seu exemplo junta-se a outros recentemente comprovados: os de ROGÉRIO DE CARVALHO, ILÍDIO ESTEVES, DOMINGOS ABRANTES, MARIA DA CONCEIÇÃO, FAUSTINA, ALICE PARENTE. Estes actos de coragem são um símbolo da grande luta pela Democracia, o Socialismo e a Paz.





Crónica internacional

**A CAUSA DO POVO do Vietnam É A CAUSA DE todos os povos**

Desagrega-se o regime fantoche de Saigão. Mas essa desagregação é produto da luta popular, do heroísmo da classe operária, dos camponeses, da juventude, dos intelectuais, da exemplar resistência do povo do Vietnam aos invasores americanos. São os aviões dos Estados Unidos, são as suas forças armadas que sustentam o regime apodrecido de Cao Ky e levam a guerra, a mais criminosa guerra de opressão, a um país que quer viver em paz e liberdade.

A luta do povo do Vietnam não é apenas a luta de um pequeno e heróico país contra a mais poderosa nação imperialista. A luta do povo do Vietnam é parte integrante da luta dos povos contra os opressores imperialistas, que calcam aos pés a soberania e independência de outros países, se apoderam das suas riquezas e condenam os povos a um atraso secular.

A luta do povo do Vietnam faz parte da luta geral dos povos pela independência nacional, pela democracia, pelo socialismo e pela paz, em que está igualmente empenhado o povo português.

Os golpes vibrados pelos gloriosos combatentes do Vietnam sobre os opressores imperialistas e os seus lacaios são golpes que atingem os reconhecidos inimigos da classe operária e do povo português: o fascismo salazarista e o imperialismo americano.

Intensificar a acção, reforçar os laços de combate com o heróico povo vietnamita é nosso sagrado dever.

Reforçando a nossa luta contra o fascismo, contra a exploração, contra a penetração imperialista, pela defesa da integridade territorial, pela conquista da Democracia ajudamos também a luta plena de valentia e de patriotismo dos combatentes do Vietnam.

Os carrascos do povo vietnamita, os imperialistas americanos, devem saber, de maneira concreta e em escala crescente, que o povo português condena os seus actos de banditismo, a sua guerra criminosa e se encontra sem reservas ao lado do povo do Vietnam.

Multiplicamos as inscrições, as acções de protesto nas empresas, escolas, aldeias, vilas e cidades do nosso país, junto das autoridades dos Estados Unidos no nosso país. Escrevamos por toda a parte: **FORA COM OS AMERICANOS DO VIETNAM!**

Trabalhemos enérgicamente para pôr fim à agressão americana, para que as forças militares dos Estados Unidos abandonem o Vietnam, para que cessem imediatamente as acções de guerra contra a República Democrática do Vietnam, para que a paz mundial, ameaçada pelos actos belicistas dos Estados Unidos seja salva de uma trágica e terrível hecatombe.

**Novas acções contra a repressão**

Orlando Ramos, João Raimundo, Joaquim Correia, três combatentes anti-fascistas condenados a prisão perpétua, pela aplicação das medidas de segurança, foram recentemente devolvidos à liberdade.

Devemos atribuir um tal sucesso à acção dos homens e das mulheres que no nosso país e no mundo inteiro não cessam de lutar pela libertação dos presos políticos.

São de salientar as redobradas diligências das famílias dos presos nos três casos assinalados e nas acções ultimamente empreendidas, para a obtenção de uma ampla Amnistia.

Na libertação de Orlando Ramos pesou também, de modo particular, a acção dos médicos portugueses e do Sindicato dos Médicos da Checoslováquia, que reclamaram a sua libertação.

**Prossegue a luta contra as medidas de segurança**

A campanha internacional pela libertação de Sofia Ferreira e de

José Vitoriano ganha novas adesões.

Individualidades políticas de várias tendências da América Latina enviaram ao governo de Salazar um telegrama de protesto contra as torturas e as medidas de segurança e pela libertação dos dois patriotas. A organização Portugal em Sud América toma posição pública pela campanha de Sofia e de José Vitoriano.

Associam-se à campanha a Associação dos empregados e operários municipais da Argentina, a União das Mulheres da Argentina, a União das Mulheres da Bolívia e sindicatos e centrais sindicais de vários países da América Latina.

A Federação Democrática Internacional das Mulheres enviou a Sofia Ferreira uma expressiva carta de solidariedade.

**150 intelectuais reclamam amnistia**

Reafirmando uma posição de coerência e de combatividade, que constitui o fundamento da

acção dos intelectuais portugueses em face do ambiente político nacional, 150 personalidades do mundo da cultura, entre os quais se contam vários dos mais consagrados escritores, artistas e homens do foro, de várias tendências políticas, enviaram em data oportuna ao presidente da República uma carta, na qual se reclama uma ampla amnistia para todos os presos políticos.

Na fortaleza de Peniche não existe, na prática, assistência médica. O estado de saúde geral é preocupante e tende a agravar-se.

Tiveram de ser internados de urgência no Hospital S. João de Deus, Agostinho Saboga, José Magro, membro do C.C. do P.C.P., José Carlos, António Santo e José Rolim, após persistentes diligências, que o seu grave estado de saúde requeria.

Para obstar a irremediáveis situações e à prática de novos crimes impõe-se alargar a campanha nacional e internacional contra a repressão fascista e as medidas de segurança, reforçar a acção de solidariedade aos presos políticos portugueses.

**FERREIRA DE CASTRO**

**50 ANOS DE ACTIVIDADE LITERÁRIA**

No ano que decorre, FERREIRA DE CASTRO, o escritor do povo, o filho do povo fiel à sua origem, completa 50 anos de actividade literária.

O autor dos «EMIGRANTES», da «LÁ E A NEVE», da «SELVA», da «CURVA DA ESTRADA», tem um legítimo lugar no coração da classe operária, da juventude, da intelectualidade progressiva de Portugal.

O significado vivo desse apreço e dessa elevada simpatia e admiração constituem-no as homenagens que lhe estão sendo prestadas, não apenas pelos homens de pensamento, mas pelo povo trabalhador, em organizações recreativas e culturais.

Projectando longe a voz do povo, os seus sofrimentos, os seus anseios, FERREIRA DE CASTRO fez chegar além fronteiras, a outros países e a outros povos, a certeza dignificante de que no Portugal fascista, os intelectuais se não dobrem às arrogâncias do poder e tomam parte no combate pela Democracia, pela Liberdade, pela Justiça Social, pela Cultura ao serviço do povo.

FERREIRA DE CASTRO conta 50 anos de actividade literária, 40 dos quais vividos sob o domínio fascista. Durante esse tenebroso período de opressão, o escritor da «LÁ E A NEVE» não transigiu, não traíçou, não colocou a sua pena ao serviço dos opressores do povo. Um profundo traço de coerência marca a sua obra literária e a sua vida.

Desta tribuna livre que é o jornal AVANTE!, desta frente de combate que é a luta clandestina, nós saudamos FERREIRA DE CASTRO, o escritor, o combatente da Liberdade e da Justiça, que em 50 anos de actividade literária honra as melhores tradições da Cultura Portuguesa e ajuda a criar, com o seu talento e o seu labor profícuo, as bases da nova vida de um Portugal redimido, pelo qual lutam e sofrem milhares de filhos do povo, dos novos soldados da Liberdade.

**1 DE JUNHO**

**II Dia internacional da infância**

O pesado silêncio fascista, ante as comemorações no mundo do Dia Internacional da Infância, é a expressão acabada do que tem sido a política do governo de Salazar relativamente à Criança portuguesa.

É ela, a Criança do nosso povo, que no balanço trágico de 40 anos de regime, maior tributo paga à dominação fascista.

Que expressão tem, dentro das fronteiras salazaristas, tudo o que internacionalmente se tem feito para garantia dos sagrados direitos da Criança? Direito à vida, antes de tudo. Direito que o peso do índice da mortalidade infantil esmaga, bem como o número de crianças tocadas pela tuberculose — segundo revelam os testes de vacinação — uns e outros continuando a ser os mais elevados da Europa.

De «desprotecção» à criança, eis como, com propriedade, se pode falar, quando se enfrenta a

angustiosa situação dos milhares de crianças portadoras de doenças graves e sem possibilidades de hospitalização. Porque é esta a realidade nacional que corresponde, no quadro da saúde pública, à existência, para Portugal inteiro, de 2 únicos hospitais infantis, um dos quais particular, e apenas 3 enfermarias para crianças nos hospitais escolares de Lisboa e Porto e no hospital de Bragança.

Desprotegidas, à mercê de todos os riscos, brincando a cada instante com a morte, é a situação em que vivem os filhos das nossas trabalhadoras do campo e da cidade, sem parques infantis, sem escolas maternais que deles se ocupem durante a ausência das mães no trabalho, alojados em habitações impróprias para seres humanos.

ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA! Existe. Mas perguntemos aos filhos do nosso povo quantos abandonam a escola sem o exame da 3.ª classe; quantos entram na produção sem qualquer espécie de preparação profissional e com idade inferior aos 12 anos

estabelecidos por lei; sobre quantos, em escandalosa infracção da Convenção internacional estabelecida pela ONU e assinada pelo governo salazarista, se exerce a exploração da mão de obra infantil, em prática em tudo análoga à do trabalho escravo, segundo as características previstas pela lei.

E finalmente. Também sobre eles, sobre os filhos dos nossos combatentes de vanguarda, o regime derrama o seu ódio. Eles conhecem da repressão tudo a quanto o fascismo obriga.

Por eles, pelos filhos do nosso povo, pela Criança portuguesa, vítima da maldição fascista, nós lutamos, assim de que a aurora da Liberdade e da Felicidade também para ela nasça e também ela EM FESTA receba ao lado das crianças de todo o mundo, a homenagem do DIA INTERNACIONAL DA INFÂNCIA!

**CONFERÊNCIA DOS Partidos Comunistas da Europa capitalista**

Realizou-se de 9 a 11 de Maio em Viena, uma Conferência dos Partidos Comunistas dos países capitalistas da Europa, à qual o P.C.P. enviou uma comunicação escrita.

Esta Conferência representa mais uma clara manifestação de internacionalismo proletário, que anima os partidos da Europa capitalista e representa também um poderoso elo que fica a unir ainda mais os comunistas e a classe operária da Europa na sua luta pela Democracia, pela Liberdade e o Socialismo.

O «AVANTE!» saúda mais este êxito dos Partidos Comunistas e da classe operária.

**ENCONTRO ENTRE o P. C. Grego e o P. C. Português**

Recentemente, teve lugar um encontro entre uma delegação do C.C. do P.C. Grego e uma outra do P.C. Português, para troca de informações e discussão de problemas interessantes dos dois partidos irmãos.

As conversações decorreram num ambiente de franca camaradagem e contribuíram para reforçar ainda mais os laços fraternos que unem o P.C. Português ao P. C. Grego.

**O XV Congresso da juventude comunista da URSS**

Delegados de 23 milhões de jovens comunistas soviéticos reuniram-se no passado mês de Abril, em Moscovo, para debater os problemas que se prendem com as tarefas da juventude, na fase presente da construção do comunismo.

O XV Congresso tomou importantes resoluções sobre a participação da juventude na realização do novo plano quinquenal, sobre as múltiplas actividades dos jovens comunistas da URSS, sobre a defesa da Paz, reafirmando a solidariedade activa à luta de libertação do povo do Vietnam, dos povos oprimidos da terra e da juventude dos países submetidos ao jugo do capitalismo.

Muitos êxitos no nosso trabalho, valerosa juventude comunista da União Soviética!